



**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DA PARAÍBA  
CAMPUS LIVRAMENTO  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, INOVAÇÃO E PÓS-GRADUAÇÃO  
DIRETORIA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA  
UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL – UAB-IFPB  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA COMO 2ª  
LÍNGUA PARA SURDOS NA MODALIDADE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA**

**GERLANY BATISTA DOS SANTOS**

**UMA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO EM LÍNGUA  
PORTUGUESA COMO L2 PARA ALUNOS SURDOS**

**LIVRAMENTO – PB**

**2020**

**GERLANY BATISTA DOS SANTOS**

**UMA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO EM LÍNGUA  
PORTUGUESA COMO L2 PARA ALUNOS SURDOS**

TCC-Artigo apresentado ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba, Campus João Pessoa, Polo Livramento, para obtenção do título de Especialista em Ensino de Língua Portuguesa como 2ª língua para Surdos, sob a orientação do Prof. Dr./Me. Paulo Vinícius Ávila Nóbrega.

**LIVRAMENTO - PB**

**2020**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação – CIP  
Biblioteca Nilo Peçanha – IFPB, *Campus* João Pessoa

S237p

Santos, Gerlany Batista dos.

Uma proposta de intervenção em língua portuguesa como L2 para alunos surdos / Gerlany Batista dos Santos. – 2020. 18 f.

Artigo (Especialização em Ensino de Língua Portuguesa como 2ª Língua para Surdos) – Instituto Federal da Paraíba – IFPB / Pró-Reitoria de Pesquisa, Inovação e Pós-Graduação. Diretoria de Educação a Distância.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Vinícius Ávila Nóbrega.

1. Língua portuguesa - Ensino. 2. Educação bilingue. 3. Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS). 4. Alfabetização de surdos. I. Título.

CDU 811.134.3:376

**GERLANY BATISTA DOS SANTOS**

**UMA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO EM LÍNGUA  
PORTUGUESA COMO L2 PARA ALUNOS SURDOS**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado à Banca Examinadora,  
do Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia  
da Paraíba (IFPB), para obtenção do título  
de Especialista em Ensino de Língua  
Portuguesa como 2ª Língua para Surdos.

Livramento, 04 de Novembro de 2020.

**BANCA EXAMINADORA**

*Paulo Vinícius Ávila Nóbrega*

---

Prof. Dr. Paulo Vinícius Ávila Nóbrega

Orientador (a) – IFPB

*Joelma Remígio de Araújo*

---

Prof.(a.) Ma. Joelma Remígio de Araújo

Avaliador (a) – IFPB

*Luiz Henrique Santos de Andrade*

---

Prof.(a.) Dr. Luiz Henrique Santos de Andrade

Avaliador (a) – IFPB

# UMA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA COMO L2 PARA ALUNOS SURDOS

Gerlany Batista dos Santos<sup>1</sup>

Paulo Vinícius Ávila Nóbrega<sup>2</sup>

**RESUMO:** Este trabalho objetiva propor uma atividade de intervenção que contribua para a alfabetização e para o letramento de alunos surdos em Língua Portuguesa. É um trabalho embasado na lei nº 10.436 de 2002, que regulamenta a Língua Brasileira de Sinais – Libras, como um sistema linguístico de natureza visual-motora, do qual a comunidade surda faz uso para se comunicar e transmitir ideias e fatos, com uma estrutura gramatical própria, que a caracteriza como primeira língua da pessoa surda. Analisamos as propostas e metas da Política Nacional de Educação. Além disso, abordamos os aspectos linguísticos da Libras para entendimento da Língua Portuguesa e falaremos sobre o processo de assimilação, acomodação e equilíbrio para a memorização dos sinais e percorremos o processo de alfabetização na Língua Portuguesa pautado no letramento. A metodologia é bibliográfica e documental. Como resultados, vemos o suporte a uma prática para professores que almejem adentrar no universo da alfabetização do surdo.

**Palavras-chave:** Educação Bilíngue; Libras; Língua Portuguesa.

**ABSTRACT:** This work aims to propose an intervention activity that contributes to the literacy and literacy of deaf students in Portuguese. It is a work based on Law No. 10,436 of 2002, which regulates the Brazilian Sign Language - Libras as a linguistic system of a visual-motor nature, which the deaf community uses to communicate and transmit ideas and facts, with a grammatical structure which characterizes it as the first language of the person with deafness. We analyzed the proposals and goals of the New National Education Plan - PNEE. In addition, we address the linguistic aspects of Libras to understand the Portuguese language and talk about the process of assimilation, accommodation and balance for the memorization of signs and goes through the process of literacy in Portuguese based on literacy. The methodology is bibliographic and documentary. As a result, we see support for a future practice for teachers who aim to enter the universe of deaf literacy.

**Keywords:** Bilingual Education; Libras; Portuguese Language.

---

<sup>1</sup> Pedagoga. Graduada pelas Faculdades Integradas de Patos FIP. Especialista em Libras e Educação para Surdos pela UNOPAR de Patos PB. [gerlanysaque@hotmail.com](mailto:gerlanysaque@hotmail.com);

<sup>2</sup> Doutorado em Linguística pelo Programa de Pós-graduação em Linguística (PROLING) da UFPB, com estágio-sanduíche na UNICAMP.

## 1. INTRODUÇÃO

A aprendizagem é um dos processos indispensáveis na vida do ser humano. Além de ser um direito garantido, proporciona mudança de comportamento mediante vivências influenciadas por fatores neurológicos, biológicos e sociais. Durante mais de um século, o surdo sofreu com o título de incapaz e, só com advento da ciência, desmistificou-se esse rótulo. No entanto, para galgar uma vida independente, faz-se necessário prosseguir numa trajetória para a qual a educação e o ensino se tornam o caminho seguro.

Nosso objetivo geral é propor uma atividade de intervenção que contribua para a alfabetização e para o letramento de alunos surdos em Língua Portuguesa. Como objetivos específicos temos: compreender o funcionamento da Língua Portuguesa como L2 para a alfabetização do surdo; conhecer a influência da Libras como L1 como suporte do ensino de L2; entender como funcionam metodologias de aulas de L2 para o aluno surdo. É um trabalho embasado na lei nº 10.436 de 2002 e que analisa as propostas e metas da Política Nacional de Educação.

O artigo “Uma Proposta de Intervenção em Língua Portuguesa como L2 para Alunos Surdos” é um trabalho relevante, propício a alargar as esferas das nossas intenções como construtores de seres humanos dotados de habilidades e competências. A sociedade e o contexto do século XXI não admitem pessoas surdas conhecedoras apenas da sua L1. Sendo assim, é preciso romper o casulo e apropriar-se do novo.

Nosso trabalho apresenta caminhos metodológicos de cunho bibliográfico e documental pautados na alfabetização e no letramento para o ensino da Língua Portuguesa (2ª língua – L2) do aluno com surdez, bem como denota a língua de sinais (1ª língua – L1) como processo inicial, na apropriação dos signos linguísticos e a representação gráfica da escrita na Língua Portuguesa. É um trabalho que defende o uso do processo de assimilação, acomodação e equilíbrio na memorização da estrutura escrita das palavras como investimento na educação das pessoas surdas. Ao longo do trabalho será apresentada uma proposta curta e simples de intervenção, com vista a contribuir com a alfabetização e com o letramento dos surdos.

## 2. METODOLOGIA

O procedimento metodológico empregado na pesquisa se dá mediante o tipo bibliográfico, pois as contribuições teóricas de autores investigadores na área da Alfabetização e do Letramento do aluno com surdez nos norteiam em práticas pedagógicas exemplares contribuindo, assim, como aporte ao trabalho que pretendemos desenvolver na prática, quando atuarmos com o público alvo.

A pesquisa bibliográfica, segundo Gil (2006), desenvolve-se a partir da resolução de um problema utilizando-se de referenciais teóricos encontrados em livros, revistas, literaturas afins, artigos e materiais escritos, que venham ampliar o entendimento do escritor e fazê-lo conhecer previamente sua área de atuação, com o objetivo de analisar e modificar a prática pedagógica encontrada na realidade do ambiente escolar.

Sendo assim, buscou-se, através desses princípios apresentados, conhecer, analisar e compreender as principais contribuições epistemológicas existentes na literatura acerca do contexto bilíngue e sua influência, para a alfabetização do aluno surdo na Língua Portuguesa.

A pesquisa utilizou-se do instrumento e da leitura extraindo informações e raciocínios próprios, através de relatos escritos em que esses vieram a dar luz ao artigo que se segue. A coleta dos textos influenciadores se deu durante os meses de outubro e novembro de 2020, com leituras sucessivas e fichamentos dos materiais selecionados. Em seguida à análise efetuada dos textos, confrontou-se o conhecimento prévio com o adquirido. Portanto, nossa metodologia também é documental, uma vez que se pauta nas leis da educação da pessoa surda.

Feita a investigação dos dados, o material foi criticamente reavaliado, extraindo-se reflexões sobre o tema proposto. Os resultados foram descritos em pequenos textos, seguindo uma sistematização de pensamento abordada em tópicos com informações descritas através de pontos de concordância e divergências entre os autores selecionados. Dessa feita, nosso trabalho de pesquisa descreve reflexões e contribuições aos leitores da área da Libras.

Além disso, é apresentada uma proposta para o ensino de Língua Portuguesa como L2, para alunos surdos, que pode ser adaptada e aplicada em qualquer localidade brasileira.

### **3. A EDUCAÇÃO BILÍNGUE DE SURDOS NO CONTEXTO BRASILEIRO**

A comunidade surda brasileira garantiu por direito adquirir a Libras como primeira língua, através da Lei 10.436 de 24 de abril de 2002 e do Decreto Federal nº 5.626 de 22 de dezembro de 2005, além da Língua Portuguesa na modalidade escrita, como segunda língua, (BRASIL, 2005).

Para que a aquisição ou aprendizado da Língua Portuguesa ocorra, se faz necessário que os conhecimentos em Libras permeiem o processo inicial trilhado pelo discente surdo. O Português é a língua oficial do nosso país e a nossa sociedade a utiliza em todos os setores para informações diversas. O surdo convive nessa sociedade e sua língua de comunicação é a libras, porém, precisa se apropriar da alfabetização e do letramento na linguagem da sociedade em que ele convive.

O processo educativo em que o surdo deverá estar inserido refere-se à Educação Bilíngue, ou seja, duas línguas com estruturas distintas se entrelaçando para formar um cidadão capaz de se comunicar em ambos os contextos de linguagem, seja com capacidades de ler e compreender o código escrito na L2, ou entender a sinalização das mãos e do corpo na L1. Trilhar o caminho para apropriação dessas habilidades requer entendimento e trabalho árduo rumo ao alcance desse objetivo.

O modelo metodológico de educação bilíngue, de acordo com a nova Política Nacional de Educação Especial (PNEE), traz no decreto nº 10.502 de 30 de setembro de 2020, em seu artigo 2º, inciso II, a explicação específica do termo:

Educação bilíngue de surdos - modalidade de educação escolar que promove a especificidade linguística e cultural dos educandos surdos, deficientes auditivos e surdo-cegos, que optam pelo uso da Língua Brasileira de Sinais - Libras, por meio de recursos e de serviços educacionais especializados, disponíveis em escolas bilíngues de surdos e em classes bilíngues de surdos nas escolas regulares inclusivas, a partir da adoção da Libras como primeira língua e como língua de instrução, comunicação, interação e ensino e da Língua Portuguesa na modalidade escrita, como segunda língua (BRASIL, 2020).

Na prática, subtende-se que a escola deve trabalhar com o discente surdo ofertando-lhe as duas línguas no contexto educacional e, nesse caso, as línguas em questão são a Língua Portuguesa (escrita) e a Libras. Lacerda (1998) já defendia em suas teorias a proposta bilíngue. O modelo bilíngue é defendido pela comunidade surda e Guarinello (2007, p. 45-46) acrescenta que:

A proposta bilíngue surgiu baseada nas reivindicações dos próprios surdos pelo direito à sua língua e pelas pesquisas linguísticas sobre a língua de sinais. Ela é considerada uma abordagem educacional que se propõe a tornar acessível à criança surda duas línguas no contexto escolar. De fato, estudos têm apontado que essa proposta é a mais adequada para o ensino de crianças surdas, tendo em vista que considera a língua de sinais como natural e se baseia no conhecimento dela para o ensino da língua majoritária, preferencialmente na modalidade escrita. (...) Na adoção do bilinguismo, deve-se optar pela apresentação simultaneamente das duas línguas (língua de sinais e língua da comunidade majoritária).

Outro fator relevante em defesa da perspectiva bilíngue foi observado na trajetória educacional da comunidade surda. A perspectiva em questão oportunizou o surdo chegar às universidades, por isso, muitos autores destacam e defendem a importância de a pessoa surda ter acesso aos conteúdos escolares, assim como os demais conhecimentos por meio da Língua Portuguesa (escrita) e da Língua de Sinais Brasileira. Nessa mesma direção, Bernardino (2000, p. 29) complementa nosso raciocínio e redige:

[...] a língua é considerada importante via de acesso para o desenvolvimento do surdo, em todas as esferas do conhecimento, propiciando não apenas a comunicação do surdo com o ouvinte, mas também com o surdo, desempenhando também a função de suporte do pensamento e de estimulador do desenvolvimento cognitivo e social. O Bilinguismo considera que a língua oral não preenche todas essas funções sendo imprescindível o aprendizado de uma língua visual-sinalizada, desde tenra idade, possibilitando ao surdo o preenchimento das funções linguísticas que a língua oral não preenche. Assim, as línguas de sinais são tanto o objetivo quanto o facilitador do aprendizado em geral, assim como do aprendizado da língua oral.

A partir das estratégias proporcionadas nas duas línguas, o surdo assume sua identidade e sua cultura. Por isso, o ambiente escolar precisa ser favorável, os professores necessitam entender o processo e, só assim, poderão criar métodos de trabalho com as duas línguas.

#### **4. AQUISIÇÃO DA LIBRAS E APRENDIZADO DA LÍNGUA PORTUGUESA ESCRITA PELO DISCENTE SURDO**

O primeiro processo a ser desenvolvido em um ser humano, independente de sua deficiência, é a linguagem. A necessidade de se comunicar e expressar seus anseios está interligada à mente humana, logo, é um fator biológico. Já foi comprovado por meio de teorias, que a criança surda passa pelos mesmos processos de desenvolvimento pelos quais passam as crianças ouvintes. A diferença de uma apropriação fluente em sua linguagem está no convívio social.

Segundo Quadros (1997), a criança que nasce surda e tem acesso desde os seus primeiros meses de vida a uma língua de sinais proporcionada por seus pais, também surdos, desenvolverá uma linguagem sem nenhuma dificuldade. O mesmo acontecerá na apropriação da Língua Portuguesa. Daí a importância de o surdo se expor ao processo de assimilação, acomodação e equilíbrio expressos por Piaget, encontrados em Moreira (1999).

Os conceitos de assimilação, acomodação e equilíbrio, defendidos na teoria piagetiana, fazem parte do processo de ensino-aprendizagem e, entre línguas distintas, a ação se intensifica. O surdo dominando bem sua língua materna, ao ser exposto à escrita na Língua Portuguesa, fará esquemas mentais comparando com o conhecimento já existente e se apropriando do novo que lhe é apresentado, para isso, a continuidade dos trabalhos precisa ser diariamente intensificada, até se tornar uma rotina.

Moreira (1999) contribui em seus grifos e retrata que o amadurecimento cognitivo da criança, seja surda ou ouvinte, se dá mediante o processo apresentado acima:

A assimilação designa o fato que a iniciativa na interação do objeto é do organismo. O indivíduo constrói esquemas de assimilação mentais para abordar a realidade. Todo esquema de assimilação é construído e toda a abordagem da realidade supõe um esquema de assimilação. Quando o organismo (mente) assimila, ele incorpora a realidade a seus esquemas de ação, impondo-se ao meio. [...] muitas vezes os esquemas de ação da criança (ou mesmo do adulto) não conseguem assimilar determinada situação. Nesse caso, o organismo (mente) desiste ou se modifica. No caso da modificação, ocorre o que Piaget chama de 'acomodação'. [...] Não há acomodação sem assimilação, pois a acomodação é reestruturação da assimilação (1999, p. 100).

Quando conhecemos a Libras e nos apropriamos da origem dela, passamos a entender que possui toda uma etiologia e semântica próprias, o que nos traz segurança para adentrarmos nesse universo linguístico. Devem-se mostrar ao surdo os aspectos linguísticos de sua língua materna. Essa ação formará esquemas mentais, que serão úteis na apropriação da Língua Portuguesa.

Para Quadros (2004, p. 47), as línguas de sinais “são denominadas línguas de modalidade gestual – visual (ou espaço-visual), pois a informação linguística é recebida pelos olhos e produzida pelas mãos”. A partir desse conceito, mostraremos que a Língua Portuguesa possui a modalidade oral – auditiva, ou seja, para o ouvinte, a informação é

recebida diferentemente do surdo, pois o ouvido capta a informação e a voz também expressa o entendimento da mensagem.

No entanto, o processo da escrita precisa ser apropriado por ambos os públicos (surdos e ouvintes), pois a sociedade em que estamos inseridos utiliza-se dela para produzir comunicação. Estudos apresentam que as línguas de sinais:

Contêm os mesmos princípios subjacentes de construção que as línguas orais, no sentido de que tem um léxico, isto é, um conjunto de símbolos convencionais e uma gramática, isto é, um sistema de regras que regem o uso desses símbolos (QUADROS, 2004, p. 48).

O ensino da Libras e da Língua Portuguesa não pode ocorrer na alfabetização do surdo de forma dissociada. A fonologia da língua de sinais, segundo Quadros (2004, p. 81) é composta pelos seguintes parâmetros que formam os sinais: a Configuração de Mãos (CM), o Ponto de Articulação (PA), o Movimento (M), a Expressão facial e/ou Corporal e a Orientação/Direção. Nos pautando em Felipe, 2001, p. 20-21, explicaremos a forma de associarmos o trabalho com as duas línguas ao mesmo tempo.

A CM é a apresentação da mão que retrata a datilologia, ou seja, o alfabeto manual que se refere aos símbolos ou letras da Língua Portuguesa. O PA, lugar onde a mão se apresenta na sinalização, remete ao significado de sinais diferentes, ou seja, a escrita do verbete mudará. O surdo perceberá que, para escrever o nome do sinal na Língua Portuguesa, usamos unidades mínimas da escrita diferenciadas. Já o parâmetro M traz o entendimento de sinais com significados distintos; poderá surgir disso à escrita das primeiras frases para o surdo na L2. A estrutura das frases se consolidará, quando apresentarmos o parâmetro orientação ou direção, em que abordaremos a ideia de tempos verbais, tanto na interpretação, como no redigir o vocábulo. Dando seguimento, a Expressão Facial e/ou Corporal, bem como a Orientação/Direção terão seu papel fundamental para interpretação textual (FELIPE, 2001). Os processos do letramento, juntamente com a alfabetização, se unificam e abrem as janelas mentais da escrita textual. O surdo irá perceber que a fluência na língua de sinais, ou seja, utilizar-se de todos os parâmetros para se comunicar, o ajudará a organizar sua escrita na língua portuguesa.

O processo de alfabetização para o deficiente auditivo inicia-se em sua língua natural. Após consolidado esse caminho, a escola deve inseri-lo no mundo letrado. O letramento muda a visão de mundo para o surdo, o inclui na sociedade e o faz apto para

desenvolver sua autonomia no dia a dia. Não basta apenas a habilidade para decifrar códigos e compreender aquilo que se escreve, mas quando os discentes são ou estão alfabetizados, utilizam a leitura para se apropriarem de sua própria cultura. Soares (1998) amplia nossa visão e contribui dizendo:

O letramento não pode ser considerado um “instrumento” neutro a ser usado nas práticas sociais quando exigido, mas é essencialmente um conjunto de prática socialmente construídas que envolvem a leitura e a escrita, geradas por processos sociais mais amplos, e responsáveis por reforçar ou questionar valores, tradições e formas de distribuição de poder presentes nos contextos sociais (Soares, 1998, p.75).

Mediante o exposto na citação acima, concluímos que letramento e alfabetização se unem para desenvolver os processos mentais e superar as dificuldades que se apresentam no dia a dia da pessoa com deficiência auditiva. O letramento não se limita à decodificação e codificação da escrita. Ela amplia seus horizontes e leva o aluno surdo a ter contato com diversos contextos, nos quais as práticas sociais da língua escrita estão presentes.

## **5. A SALA DE RECURSO MULTIFUNCIONAL E SUA IMPORTÂNCIA NA APROPRIAÇÃO DA LÍNGUA PORTUGUESA**

Sabemos que a comunidade surda vem lutando por uma escola bilíngue para si, porém, enquanto esse ambiente não se configura no âmbito brasileiro, a única oferta que as escolas públicas dispõem para o trabalho pedagógico com os alunos com surdez é a sala de recursos multifuncional. O espaço físico permite que se utilizem a Libras e a Língua Portuguesa, em um período adicional de horas diárias de estudo e é intitulado como Atendimento Educacional Especializado (AEE).

Esse atendimento constitui o momento didático-pedagógico que o professor e o aluno surdo dispõem, para vivenciarem o aprendizado das duas línguas retratadas neste escrito. O aluno com surdez é matriculado na sala regular comum e recebe o atendimento educacional especializado em horário oposto ao das aulas, que ocorrem na sala de aula comum.

A organização pedagógica do espaço para o ensino de Libras e Língua Portuguesa requer o uso de muitas imagens visuais – recursos imagéticos – e é de suma importância para facilitar a compreensão e o aprendizado da escrita. Damázio (2007) confirma que os materiais e os recursos para esse fim precisam estar presentes na sala

de AEE, sejam: mural de avisos e notícias, biblioteca da sala, painéis de gravuras e fotos sobre temas de aula, roteiro de planejamento, fichas de atividades e outros.

Assim, as Salas de Recursos Multifuncionais são espaços da escola onde se realiza o atendimento educacional especializado para os alunos com necessidades educacionais especiais, por meio de desenvolvimento de estratégias de aprendizagem centradas em um novo fazer pedagógico, que favoreçam a construção de conhecimentos pelos alunos, subsidiando-os para que desenvolvam o currículo e participem da vida escolar (BRASIL, 2007).

O trabalho para letrar e alfabetizar o aluno com deficiência auditiva nas escolas públicas atualmente acontece, quase sempre, com o auxílio da Tecnologia Assistiva, por meio de contribuições dirigidas nas limitações de suas deficiências. O AEE em Libras e Língua Portuguesa foi pensado como complementação específica, para assegurar a garantia de direitos a esse público.

## **6. PROPOSTA DE INTERVENÇÃO COM RECURSOS DIDÁTICOS EM LÍNGUA PORTUGUESA PARA ALUNOS SURDOS**

Os recursos didáticos se referem aos diversos objetos do ambiente escolar utilizados na prática pedagógica do professor, para estimular e facilitar o processo de aprendizagem do discente. Sobre isso, Souza (2007, p. 111) complementa afirmando que “recurso didático é todo material utilizado como auxílio no ensino-aprendizagem do conteúdo proposto para ser aplicado pelo professor a seus alunos”. Os objetos e os recursos para alfabetização e letramento do aluno surdo necessariamente devem estar expostos na sala de recursos multifuncional.

Como proposta que visa a contribuir para a alfabetização e para o letramento do aluno surdo em L2, sugerimos que o professor inicie seu atendimento elaborando e traçando seus objetivos claramente, pois o foco deve ser o aluno surdo se apropriar da escrita em Língua Portuguesa. Nesse caso, a organização didática do espaço de ensino implica o uso de muitas imagens visuais e de todo tipo de referências que possam colaborar para o aprendizado da L2.

O tema do atendimento em uma determinada aula será sobre a importância das frutas na alimentação para saúde do ser humano. O professor apresentará várias imagens de frutas e iniciará o diálogo utilizando-se da língua de sinais. Depois de muitas indagações sobre o tema, muda-se o foco para a importância de apropriar-se da escrita.

A utilização de *slides* com as imagens individuais do grupo semântico em questão ajuda na compreensão da explicação.

O gênero textual cardápio, será apresentado com dois modelos distintos. O primeiro modelo, o professor mostrará um cardápio de sucos de frutas, através dele o dialogo se intensificará, nos sabores dos sucos o surdo perceberá como é importante a leitura do vocábulo na Língua Portuguesa. O segundo modelo de produção textual, a indicação será um cardápio de sorvetes, cada opção disponível na produção textual chamará a atenção do aluno o fazendo perceber a importância de avançar na apropriação da leitura visual do código escrito.

O recurso didático imagético abre margem para experiências visuais vivenciadas na aula e constrói mapas mentais. A partir desses, aguça-se o cérebro para memorização através do canal visuo-espacial. Aprende-se o sinal e parte-se para escrita dos verbetes. Segundo Fernandes (2005a, p. 33):

É sabido que é prioritariamente pela experiência visual que os surdos constroem conhecimento. Esse canal sensorial é a porta de entrada para o processamento cognitivo e deve ser explorado em todas as suas possibilidades, a fim de que elementos da realidade possam ser representados por símbolos visuais. Sendo assim, as atividades de leitura em segunda língua para aprendizes surdos, principalmente na fase inicial, devem ser contextualizadas em referências visuais que lhes permitam uma compreensão prévia do tema implicado, de modo que esse conhecimento seja mobilizado no processo de leitura propriamente dita. A leitura de imagens conduzirá o processo de reflexão e de interferências sobre a leitura da palavra.

Após conquistar o aluno surdo e deixá-lo consciente da importância da escrita na Língua Portuguesa, é o momento promissor para introduzir e avançar nas elaborações textuais. No primeiro momento, será indispensável apresentar-se diversos modelos de produções textuais, ou seja, apresentar a estrutura, a forma que a escrita está organizada sempre levando em consideração a função social (MASCUSCHI, 2002), para quem e onde iremos usufruir do escrito.

Exemplos como: bilhetes, convites, telegramas, Sedex, fichas de cadastro, *e-mails*, *chats*, debates, cheques, cartões diversos (postal, agradecimento, apresentação, natal, aniversário, outros), cartas, receitas culinárias, bula de remédio, artigos de jornal e revista, entrevistas, verbetes de dicionários e de enciclopédias, charges, propagandas, publicidades, quadrinhos, músicas, poemas, resumos, resenhas, ensaios científicos, crônicas, contos, livros em geral servirão para começarmos o processo de escrita.

É explorando individualmente cada gênero em aulas específicas, que o aluno irá avançando e evoluindo no processo. Entretanto, sem o conhecimento de cada etapa abordada nesse artigo, trará descompasso para a práxis do professor.

Ainda, sugerimos algumas ideias para serem desenvolvidas pelas escolas. São sugestões que contribuirão com a aprendizagem do surdo na Língua Portuguesa, afinal, o aprendizado de uma nova língua requer exposição a um processo que se inicia na infância e percorre todas as fases na vida:

- Aulas na sala regular especificamente de Libras e Língua Portuguesa;
- Cursos de formação básica e avançada em Libras e Língua Portuguesa para familiares, professores e comunidade escolar;
- Debates e palestras em semanas temáticas na escola sobre a importância das duas línguas que permeiam a legislação do nosso país;
- Encontros com a comunidade surda para convívio e apropriação da fluência em Libras;
- Projetos temáticos estimulando a escrita em Língua Portuguesa em simultaneidade com a Libras;
- Aulas no horário oposto em Língua Portuguesa para os alunos surdos;
- Oferta de diversidades de gêneros textuais espalhados pela escola, como recurso visual para estimular a memória na apropriação da estrutura textual;
- Oferta de livros didáticos que abordem o vocabulário linguístico da Libras e não somente da Língua Portuguesa;
- Cursos específicos em escrita de textos em Língua Portuguesa para surdos e ouvintes.

Sabemos que a dificuldade de alfabetização e do letramento em Língua Portuguesa não está relacionada apenas ao público surdo, mas os ouvintes também estão chegando no final de seu percurso escolar sem as habilidades específicas para escrever, ler o código e interpretá-lo. Dessa feita, a escola poderá unificar e usufruir do ensino bilíngue como ferramenta primordial para a aprendizagem da Língua Portuguesa.

## 7. DISCUSSÕES

Mediante o estudo e as abordagens teóricas construídas neste escrito científico, tomamos conhecimento de uma ordem de fatores essenciais na alfabetização e no letramento em Língua Portuguesa para o discente com surdez. Vimos que, com a sanção de leis que regulamentaram a Libras, as escolas e seus docentes foram expostos a uma realidade urgente a ser vivida, o que nos leva a refletir se realmente existiria o ensino bilíngue, se não fosse com auxílio da lei.

A realidade educacional veio se configurando para a comunidade surda adentrando às portas da escola, mesmo sem ter a estrutura adequada para o ensino bilíngue. Dessa feita, a luta é travada diariamente nas escolas públicas do nosso país, e o que podemos organizar em nossa mente sobre o ensino bilíngue é: alunos surdos, intérpretes de Libras, sala de recurso multifuncional, professores de Libras, cursos de formação básica, palestras, debates e o desejo de avançarmos ainda mais em busca da realidade ideal.

O foco deve ser ensinar ao aluno surdo a Língua Portuguesa, de modo que ele a utilize no seu dia a dia com apropriação. Partindo desse pensamento, não podemos deixar de considerar o nível de conhecimento prévio com que o aluno chega até a escola. É uma sondagem inicial, pois, caso haja *déficit* na linguagem, a equipe escolar precisará ofertar o ensino de Libras em primeiro lugar.

O tempo hábil para a alfabetização e para o letramento da criança surda deve ser a infância, respeitada cada etapa de seu desenvolvimento, em convívio social sendo exposta a ambientes estimulantes, que a incentive a avançar não podemos evitar o processo, pois, através dele vamos adquirindo estratégias para a vida.

O ambiente escolar precisa estar organizado, a sala de recurso multifuncional necessita estar funcionando com profissionais comprometidos em fazer o processo de alfabetização e letramento acontecerem. A família, durante as etapas de ensino da criança surda, tem que se engajar, pois a jornada é longa e a desmotivação poderá ser um dos empecilhos para o crescimento nutrido.

O professor da sala regular comum, juntamente com o professor da sala de recursos e o professor de libras se tornam a alavanca no processo. Sem o processo de assimilação, de acomodação e de equilíbrio não haverá aprendizagem, seja em uma nova língua, ou em conhecimentos específicos para vida.

E, por fim, traçar objetivos para consolidar a prática do ensino e da aprendizagem é a ferramenta principal para o sucesso, conhecer os níveis da alfabetização, a organização dos esquemas mentais para a leitura, a estruturação da escrita, os parâmetros da Libras, a função social da leitura e seus recursos viabilizando o percurso são o foco maior.

## 8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Finalizamos nosso escrito certos de que há muito a ser estudado e pesquisado sobre o ensino de Língua Portuguesa para o estudante com surdez. Os desafios educacionais no chão da escola precisam ser superados a cada dia. Já avançamos significativamente, no entanto, se configura cada vez mais a necessidade de um método eficaz, mesmo tendo várias contribuições de autores que galgaram sucesso em suas práticas.

Como objetivo geral do nosso trabalho, propomos uma atividade de intervenção que contribua para a alfabetização e para o letramento de alunos surdos em Língua Portuguesa. Sendo assim, como mostramos, uma atividade com o tema das frutas e exposições visuais em *slides* poderá contribuir com a formação do aluno, tendo em vista que é um assunto dinâmico.

Já como objetivos específicos, buscamos compreender o funcionamento da Língua Portuguesa como L2 para a alfabetização do surdo. Vimos que, por ser uma língua na modalidade escrita, precisaremos da L1 para auxiliar nesse ensino. Além disso, procuramos conhecer a influência da Libras como L1 como suporte do ensino de L2. De acordo com nosso estudo, vimos que a L1 é de modalidade visuo-espacial, que deverá ser usada para levar às explicações da escrita da L2. Também procuramos entender como funcionam metodologias de aulas de L2 para o aluno surdo. Percebemos que o ensino em L2 não pode ser descontextualizado das proposições de uso cotidiano, tendo em vista a gama de gêneros que circulam exigindo o letramento dos usuários.

O processo educacional não segue uma receita pronta e acabada. Do que realmente dispomos é de experiências exitosas, que refletem na vida secular do aluno após sua trajetória educacional finalizada. O professor vive uma constante de desafios entre planejar, replanejar até conseguir alcançar seus objetivos. A família possui sua parcela de contribuição e ambos em unidade conseguirão contribuir com a formação do indivíduo surdo.

Aconselhamos a utilização de diversas estratégias no processo de alfabetização da Língua Portuguesa deixando claro que a sistematização, o treino, e o conhecimento seguro do que se pretende é indispensável, portanto, cada docente necessita estar em constante formação buscando se aprimorar para contribuir na formação de uma pessoa independente, que tenha habilidades de, na fase adulta, lutar por seus ideais.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERNARDINO, Elidea Lúcia. **Absurdo ou lógica?** A produção linguística do surdo. Belo Horizonte: Editora Profetizando vida, 2000.

BRASIL. **Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005.** Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras.

\_\_\_\_\_. **Decreto nº 10.502 de 30 de setembro de 2020,** Disponível em: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/decreto-n-10.502-de-30-de-setembro-de-2020-280529948?fbclid=IwAR3fiLKEB5V4t2WRPZBlqmRAJvLrggoKyRlXOkpWKTsclih0eO1VDbo1NgM>. Acesso em: 22 de novembro de 2020.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. **Atendimento Educacional Especializado – Deficiência Auditiva Formação Continuada a Distância de Professores para o Atendimento Educacional Especializado.** SEESP / SEED / MEC. Brasília: Distrito Federal, 2007.

DAMÁZIO, Mirlene Ferreira Macedo. **Educação Escolar de Pessoa com Surdez:** uma proposta inclusiva. (Tese de Doutorado). Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2007. 117 p.

FELIPE, Tanya A. **Libras em contexto:** curso básico, livro do estudante cursista. Brasília: Programa Nacional de Apoio à Educação de Surdos, MEC, SEESP, 2001.

FERNANDES, Sueli. **Departamento de Educação Especial:** área da surdez. 2005. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br>. Acesso em: 10/04/2016.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social.** 5. ed. São Paulo: Atlas, 2006.

GUARINELLO, Ana Cristina. **O papel do outro na escrita de sujeitos surdos.** São Paulo: Plexus, 2007.

LACERDA, Cristina Broglia Feitosa de. **Um pouco da história das diferentes abordagens na educação de surdos.** Caderno Cedes, vol. 19, n 46. Campinas, 1998.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, A.P.; MACHADO, A.B.; BEZERRA, M.A. **Gêneros textuais & ensino.** Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

MOREIRA, Marco Antônio. **Teorias de Aprendizagem.** São Paulo: EPU, 1999.

QUADROS, Ronice Müller de. **Educação de surdos:** aquisição da linguagem. Porto Alegre: Artmed, 1997.

\_\_\_\_\_. **A Língua de Sinais Brasileira:** Estudos Lingüísticos. Porto Alegre, Artemed, 2004.

SOARES, Magda. **Letramento**: um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

SOUZA, Salete Eduardo. O uso de recursos didáticos no ensino escolar. In: **I Encontro de Pesquisa em Educação, IV Jornada de Prática de Ensino, XIII Semana de Pedagogia da UEM**: “Infância e Práticas Educativas”. Arq Mudi. 2007. Disponível em: [http://www.pec.uem.br/pec\\_uem/revistas/arqmudi/volume\\_11/suplemento\\_02/artigos/019.df](http://www.pec.uem.br/pec_uem/revistas/arqmudi/volume_11/suplemento_02/artigos/019.df) >. Acesso em: 28 de março de 2016.